

CUMPRINDO A MISSIO DEI ENTRE COMUNIDADES MUÇULMANAS

Caleb Mubarak*

Doutorando pelo *Midwestern Baptist Theological Seminary*, Missouri/EUA e mestre pelo *Southwestern Baptist Theological Seminary*, Texas/EUA. Especialista em Ciência do Islamismo & Psicologia de Emergências, Catástrofes e Perdas Pessoais, ambos cursados na Espanha. É missionário da Junta de Missões Mundiais desde 2003 e atua no mundo árabe desde 2005. Até 2020 esteve liderando viagens voluntárias entre refugiados sírios em três países do Oriente Médio. Atualmente está vivendo com sua família no Oriente Médio, num dos países da região do Levante.

*Por questão de segurança, foi adotado o pseudônimo.

CUMPRINDO A MISSIO DEI ENTRE COMUNIDADES MUÇULMANAS

Resumo

Por que é tão importante o cumprimento da *missio Dei*? A resposta é simples. Nas Escrituras Sagradas o Eterno afirma que está empenhado em trazer o Seu Reino à sua expressão máxima. O Reino de Deus é aquela nova ordem de eventos iniciados em Cristo que, quando finalmente completada por Ele, envolverá uma restauração adequada não apenas do relacionamento do homem com Deus, mas em todas as esferas de implicações possíveis. Este artigo será uma tentativa de resumir sucintamente a compreensão da noção da *missio Dei* e sua aceitação e desenvolvimento na teologia protestante missionária, executada como uma ordem dada à Igreja, em especial aquela desenvolvida por missionários transculturais na tentativa de proclamar e sinalizar o Reino de Deus entre povos que professam o islamismo como seu sistema de fé e prática de maneira contextualizada e em coexistência. Não é o cristianismo que os muçulmanos precisam ver. É Jesus.

Palavras-Chave: *Missio Dei*. Reino de Deus. Islamismo. Igreja. Contextualização. Coexistência.

Abstract

Why is compliance with the *missio Dei* so important? The answer is simple. In the Holy Scriptures the Eternal states that he is committed to bringing His Kingdom to its maximum expression. The Kingdom of God is that new order of events begun in Christ which, when finally completed by him, will involve a proper restoration not only of man's relationship to God, but in every possible sphere of psychology. This article will be an attempt to succinctly summarize the understanding of the notion of *missio Dei* and its acceptance and development in protestant missionary theology, executed as an order given to the Church, in particular that developed by cross-cultural missionaries in an attempt to proclaim and signal the Kingdom of God between peoples who profess Islam as their system of faith and practice in a contextualized manner and in coexistence. It is not Christianity that Muslims need to see. It's Jesus.

Keywords: *Missio Dei*. God's kingdom. Islam. Church. Contextualization. Coexistence.

Introdução

A hermenêutica da missão requer uma abordagem mais radical e completa quando se fala do cumprimento da *missio Dei*[1]. É preciso aceitar o risco de cumpri-la, como declara David Bosch[2], e aceitar tal risco pode ser o mesmo que enxergar tudo como uma só missão. Em termos de sabedoria, serviço, justiça, cura, reconciliação, libertação, paz, evangelismo, comunhão, plantação de igrejas, contextualização e muito mais, a missão é um ministério mais amplo e abrangente. O objetivo de uma verdadeira teologia cristã missiológica é integrar a revelação divina com a experiência humana. O mesmo Bosch[3], declara que o evangelho é relevante para um determinado ambiente e cultura. Ele evita cuidadosamente assumir uma posição unilateral, acreditando que a emancipação é como a salvação de Deus se manifesta através da inculturação e contextualização.

A missão cristã foi vista de várias maneiras ao longo da história. Ocasionalmente, tem sido entendida soteriologicamente como o trabalho de missionários em busca de salvar pessoas de irem ao inferno ardente. A assimilação dos povos do Oriente e do Hemisfério Sul benevolente e privilegiado pelo Ocidente cristão também pode ser entendida em termos culturais. Frequentemente, essa mesma missão tem sido interpretada em termos de categorias eclesiais: como uma extensão da Igreja em novas áreas de atividade missionária. Em muitos contextos, pode ser vista como o processo pelo qual o mundo passará por uma transformação no Reino de Deus, seja gradualmente ou por meio dos cada vez mais constantes desastres e catástrofes. A relação fundamental entre cristologia e soteriologia, a qual foi crucial durante os primeiros anos do cristianismo, tornou-se menos clara sob todas as mais variadas condições.

[1] *missio Dei* é um termo teológico latino que pode ser traduzido como “Missão de Deus”, refere-se ao trabalho da igreja como sendo parte da obra de Deus. Portanto, a missão da igreja é um subconjunto de uma missão inteira maior, que é parte da missão de Deus para o mundo e não a totalidade da obra de Deus no mundo. (Wycliffe Global Alliance)

[2] David Bosch, J. **Transforming Mission: paradigm shifts in theology of mission**. American Society of Missiology Series, n.16. New York: Orbis Book, 1991, 512.

[3] **Ibid.**, 420 - 432.

Após a Primeira Guerra Mundial, missiólogos voltaram-se para novas pesquisas em teologia bíblica e sistemática, na busca pela verdade revelada e na tentativa de recuperar a fé cristã autêntica e seu estilo de vida.

O paradigma missionário moderno sendo compreendido como a *missio Dei*

O teólogo protestante Karl Barth foi um dos primeiros a caracterizar a missão como obra do próprio Deus em um texto apresentado na Conferência Missionária de Brandemburgo em 1932[4]. Na atualidade, importantes repercussões podem ser trazidas pela *missio Dei* para a *missio ecclesiae*[5]: “A era das missões acabou; a era da missão começou”, como Stephen Neill afirma em referência à teologia da missão pós-Willingen:

"Willingen acreditava que a missão cristã vinha diretamente de Deus e se situava tanto no contexto da teologia trinitária quanto da eclesiologia. A crença de que o Pai, o Filho e o Espírito Santo enviaram a Igreja ao mundo foi acrescentada à doutrina da *missio Dei*, originalmente interpretada como o envio do Filho e do Espírito Santo. À medida que todos passaram a compreendê-lo melhor e posteriormente adotá-lo, a Igreja Protestante, a Católica e a Ortodoxa passaram a aceitar a *missio Dei* como a sua missão."[6]

O conceito da conversão forçada colonial está desatualizado e obsoleto, e a ideia de receber uma mensagem de salvação dos invasores gradualmente perdeu toda credibilidade. Ao que parece, se a nova perspectiva da missão levar em conta o modo de pensar e viver das pessoas do Hemisfério Sul e do Oriente, ela poderia vir a ser bem-sucedida. Cristãos do Sul Global e Oriente são convidados a se juntar à missão de Deus, mas antes de fazer o trabalho missionário de forma satisfatória, eles devem aprender como Deus interveio e operou em seus próprios contextos culturais.

[4] Karl Barth, “**Die Theologie und Die Mission in der Gegenwart**”, in: *Zwischen den Zeiten*: 1932, p. 189-215.

[5] Atividades missionárias da Igreja.

[6] Stephen Neill, **A History of Christian Missions**. Harmondsworth: Penguin 1966, p. 527.

O missionário que se engaja em missão deve encontrar a obra de Deus, aquele que já trabalhou no novo ambiente missionário antes mesmo dele chegar, para assim poder participar da atividade missionária a qual é, e seguirá sendo do próprio Deus.

A operação contínua de Deus na existência interna da igreja exige uma resposta constante de seus enviados, os missionários. Como resultado, o implacável chamado de Deus à deificação vem a ser o exercício da *Missio Dei* que exige uma resposta de todo cristão. O desenvolvimento contínuo do verdadeiro discípulo "até à condição de homem perfeito, à medida da estatura da plenitude de Cristo" (Ef 4.13) é, portanto, uma forma de responder e participar ativamente na *missio Dei*.

Oportunidades da prática da *missio Dei* entre comunidades muçulmanas

Após os ataques terroristas de 11 de setembro nos EUA, a igreja foi apresentada à um novo desafio de alcançar mais intencionalmente com o evangelho, os 1,4 bilhão de muçulmanos[7] em todo o mundo naquele momento. No entanto, muitos muçulmanos ainda possuem desconfiança em relação a cristãos por causa da intimidação e perseguição aos adeptos da religião islâmica no Ocidente. O fato é que a igreja e seus enviados aos diferentes campos do mundo passaram a ter diante de si uma tremenda chance de usar uma relevante abertura para ensinar a muitos a como desenvolver relacionamentos de amor modelando Jesus como o Cristo de Deus. Ela, a igreja, através de seus missionários enviados, veio a ter reais oportunidades de promover aquilo que os muçulmanos necessitam para saciar suas necessidades humanas e promoção de relacionamentos firmados em amor: "Quando os cristãos se preocupam com a pessoa como um todo, o testemunho verbal sobre Jesus será crível e promoverá um ambiente propício ao testemunho"[8].

[7] Ayoub M. **Christian-Muslim dialogue: goals and obstacles**. Muslim World 94: 2004, p. 313-319.

[8] Gilliland D. **Principles of the Christian approach to an African based Islamic society**. Missiology: an international review, 1997, p. 4-13

“De acordo com Dudley Woodberry, professor de estudos islâmicos no *Fuller Theological Seminary*, a igreja entrou em uma nova era de possibilidades, especialmente com o aumento do nível de receptividade entre as comunidades muçulmanas globais.

Alguns exemplos de nações que experimentam agitação política e calamidades naturais parecem ser um terreno excepcionalmente fértil para o testemunho cristão, especialmente quando os cristãos combinam seu testemunho com iniciativas úteis de ajuda e desenvolvimento. Por exemplo, nos últimos quarenta anos, a população de Bangladesh cresceu duas vezes mais rápido do que os cristãos. Os cristãos tiveram um aumento de 3,2% ao ano em 2000, em comparação com os muçulmanos de 1,8%[9]. Semelhante à Indonésia, onde desde meados da década de 1960, quando a retaliação do governo matou meio milhão de comunistas e simpatizantes, existem agora mais de 34 milhões de cristãos. Desde 1982, as igrejas na ilha predominantemente muçulmana de Java aumentaram 5% ao ano, apesar da perseguição, agitação política e estagnação econômica.

A maioria dos missionários cristãos entre os muçulmanos confirma que as oportunidades para a colaboração são as mais altas atualmente. Este autor é testemunha de que o evangelho está sendo recebido de maneira muito mais favorável em todo o norte da África (exceto na Líbia). Em décadas passadas um muçulmano norte-africano levava de cinco ou mais anos em média até que ele fizesse uma decisão genuína por Cristo. Hoje, no entanto, frequentemente é possível testemunhar conversões de muçulmanos algumas semanas após serem expostos à mídia cristã transmitida por satélites televisivos e também pelo contato e presença de missionários naquela região da África. As iniciativas de reuniões em grupos pequenos de estudos bíblicos utilizando ferramentas específicas e sérias, desenvolvidas por agências e missionários comprometidos com a *missio Dei*, tem facilitado a compreensão de ex-muçulmanos expostos à mensagem de transformação: o Cristo encarnado que se entregou pela humanidade.

[9] Guthrie S. **Doors into Islam**. Christianity Today, 2002, p. 34.

Semelhantemente é o que ocorre no Oriente Médio, onde refugiados sírios tem tido uma experiência transformadora de encontros reais com Jesus através da atuação missional de obreiros estrangeiros e nacionais entre aquele efetivo tão vulnerável e desapontado com seu sistema religioso anterior. Missionários da mesma agência do autor deste artigo estão presenciando o surgimento de uma nova comunidade autóctone relevante para aquele contexto. Algo jamais imaginado por obreiros que por ali estiveram em anos e décadas anteriores.

Problemas e obstáculos de progresso

Menos de 15% da força missionária cristã concentra seus esforços para viver e trabalhar entre muçulmanos. Embora haja indicadores óbvios de avanço, algumas complicações permanecem óbvias quando se trata de servir em ambientes regidos e dominados pelas leis religiosas do islamismo. Para o cumprimento da *missio Dei*, parece que os centros enviados de obreiros do Hemisfério Sul e Oriente necessitam redirecionar seu foco e rumo. É preciso avançar onde Cristo ainda não é conhecido, celebrado e honrado, uma vez que o objetivo principal da missão da igreja é transmitir a vida de comunhão com Deus, atraindo pessoas para a comunhão com a Santíssima Trindade, e não somente promover ideias morais ou intelectuais. O plano para toda a criação é o estabelecimento do Reino de Deus, especialmente entre aqueles que não O conhecem.

Contextualizar a mensagem em suas diferentes formas também tem sido um meio bem eficaz na sinalização do Reino de Deus entre muçulmanos. Embora o enigma teológico da contextualização ainda exista, é preciso pensar nas seguintes perguntas: como cumprir o propósito da igreja, a *missio Dei*, em uma sociedade multicultural? Como colocar em prática um evangelho que seja realmente cristão em sua mensagem e culturalmente relevante em sua apresentação?

Especialistas em missiologia e antropologia cultural missionária afirmam que é preciso obter pistas missiológicas da encarnação; assim como Jesus se esvaziou e viveu entre nós, os enviados de hoje também devem estar preparados para fazer o mesmo ao entrar em uma nova e diferente cultura. Missionários transculturais precisam ter a prioridade em reconhecer que o Espírito Santo já estava trabalhando por lá antes mesmo de sua chegada.

O fato de ambas as religiões afirmarem ser a última mensagem de salvação e felicidade eterna de Deus para o mundo acaba apresentando o desafio que parece intratável para o diálogo entre cristãos e muçulmanos. Muçulmanos normalmente rotulam os cristãos como politeístas, apesar do Corão encorajar a tolerância e o respeito pelos cristãos. Parece haver apenas uma área de acordo entre ambas religiões em todas as suas discussões, e essa é a herança abraâmica compartilhada. É preciso tirar vantagem nesse e em outros aspectos. A prática da missão entre os muçulmanos é algo que deve evoluir constantemente enquanto se alcança uma estrutura de diálogo e ao mesmo tempo participativa. Uma vez que ser cristão não implica necessariamente deixar a sua própria estrutura cultural, isso deve ajudar a prevenir convulsões culturais ou conflitos teológicos.

Avanços no cumprimento da *missio Dei*

Segundo Bosch, “[...] a missiologia tem duas tarefas: uma se relaciona com a teologia e a outra com a prática missionária”[10]. Cumprir a missão é ao mesmo tempo ser a missão. A missão em honra a Deus é a criação de uma comunidade melhor, o que requer uma conversão individual para abrir as fronteiras do Reino de Deus e também abrir-se para o ato da conversão genuína. Isso não significa que um cristão precisa estar temeroso a se tornar um muçulmano durante a relação com o outro, mas significa aceitar a mudança de mentalidade por meio de reflexões e desafios daqueles que têm pontos de vista diferentes dos seus.

[10] David Bosch, J., p. 496.

A responsabilidade social também deve ser enfatizada no cumprimento da Missão, afinal ela precisa ser de caráter encarnacional. No entanto, essa mesma responsabilidade social, como as ações e as mudanças eventuais no processo de convivência missional precisam ser encarados somente como subprodutos da proclamação.

Considerações finais

Missionários transculturais tendem a contextualizar superficialmente algumas situações, o que pode os levar a ignorar importantes questões bíblicas e filosóficas. “Não é o cristianismo que os muçulmanos precisam ver. É Jesus”[11]. Sua perspectiva e atenção devem estar primeiro no fato de que o Espírito Santo dá testemunho de todas as afirmações verdadeiras de Jesus como o único e santo Filho de Deus, a fim de retratar e modelar Cristo adequadamente. A própria Escritura confirma esta realidade em textos como o do Evangelho de João 15.26 e também em uma de suas cartas, 1 João 5.6-7.

O cumprimento da *missio Dei* como teologia prática missional entre comunidades muçulmanas deve ser contextual, mas não preso no tempo ou imutável. Também não deve tolerar complacência, mas sim ser desenvolvida através de ajustes. Nunca haverá um relacionamento fácil entre muçulmanos e cristãos, especialmente no campo filosófico religioso, e alcançá-los será um processo que requererá boa vontade e prontidão. Cumprir a *Missio Dei*, como afirma Bosch, é “precisamente a participação dos cristãos na missão libertadora de Jesus, apostando num futuro que a experiência factual parece desmentir”[12]. É a boa nova do amor de Deus que se manifesta no testemunho de uma comunidade em benefício de todo o mundo. Ao se envolver com muçulmanos através do testemunho cristão, missionários não podem ignorar ou subestimar os componentes-chave do verdadeiro evangelho de Jesus Cristo, uma vez que questões de diversidade religiosa e diálogo inter-religioso ocupam o centro do palco da sociedade pós-moderna.

[11] Kramer H., **Islamic culture and missionary strategy**. Muslim World, 1960, p. 244-251.

[12] David Bosch, J., p. 519.

Referências

Ayoub M. **Christian-Muslim dialogue: goals and obstacles.** Muslim World: 2004.

Barth, Karl. “**Die Theologie und Die Mission in der Gegenwart**”, in: Zwischen den Zeiten,1932.

Bosch, David, J. **Transforming Mission: paradigm shifts in theology of mission.** American Society of Missiology Series, n.16. New York: Orbis Book, 1991.

Gilliland D. **Principles of the Christian approach to an African based Islamic society.** Missiology: an international review, 1997.

Guthrie S. **Doors into Islam.** Christianity Today: 2002.

Kramer H., **Islamic culture and missionary strategy.** Muslim World: 1960.

Neill, Stephen. **A History of Christian Missions.** Harmondsworth: Penguin, 1966.

Texto recebido em 31.12.2022 e aprovado em 25.01.2023